

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"OS CRISTÃOS JUDAIZANTES NO LIVRO DE *ATOS DOS* *APÓSTOLOS*"

VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE APOCALÍPTICA / I SEMINÁRIO
INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-HELENÍSTICOS - PEJ -/
I SEMINÁRIO DO GEA, 28 DE NOVEMBRO - 01 DE DEZEMBRO 2006

Monica Selvatici

Pós-doutora em História / UMESS

Prof. Paulo de Souza Nogueira



Resumo / abstract

Esta comunicação tem por objetivo analisar as referências que o autor da obra 'evangelho de Lucas - Atos dos Apóstolos' (o dito Lucas) faz a membros das comunidades cristãs do séc. I que advogavam em favor do seguimento das prescrições da Torá, em especial, que defendiam a circuncisão. Tais cristãos são denominados 'fariseus' por Lucas em Atos 15:5. No entanto, referências indiretas a tais cristãos fariseus ou 'judaizantes' (termo pelo qual eles são referidos na historiografia, criado a partir do verbo 'judaizar') são encontradas ao longo de toda a sua obra, denotando a importância desta questão dentro do quadro da teologia lucana.



Os cristãos judaizantes no livro de *Atos dos Apóstolos*

Esta comunicação tem por objetivo analisar as referências que o autor da obra 'evangelho de Lucas - Atos dos Apóstolos' (o dito Lucas) faz a membros das comunidades cristãs do séc.I que advogavam em favor do seguimento das prescrições da Torá, em especial, que defendiam a circuncisão. Tais cristãos são denominados 'fariseus' por Lucas em Atos 15:5. No entanto, referências indiretas a tais cristãos fariseus ou 'judaizantes' (termo pelo qual eles são referidos na historiografia, criado a partir do verbo 'judaizar') são encontradas ao longo de toda a sua obra, denotando a importância desta questão dentro do quadro da teologia lucana.

De fato, um dos fortes marcadores da teologia de Lucas é a representação que ele veicula do grupo dos escribas e dos fariseus no evangelho e, mais tarde, em *Atos dos Apóstolos*. Os eruditos que estudam o papel dos fariseus na obra lucana são muito cuidadosos em não tirar conclusões precipitadas porque observam, tal como faz Saldarini (2001: 144), que:

Os evangelhos não fornecem informações facilmente para a compreensão histórica dos fariseus, escribas e saduceus. Eles normalmente projetam sobre a vida de Jesus controvérsias posteriores entre as comunidades cristãs e judaicas e podem simplesmente refletir uma falta de entendimento de um autor tardio das tradições à sua disposição e da sociedade palestina.

Uma primeira leitura do terceiro evangelho nos dá a impressão de que Lucas é favorável aos fariseus. Entretanto, a passagem que melhor apresenta a opinião de Lucas sobre os fariseus está em *Atos*. Em At 26:5, de acordo



com aquilo que Lucas coloca nos lábios do apóstolo Paulo, em seu discurso perante o rei Agripa, os fariseus eram conhecidos por serem a seita mais zelosa e severa (*akribestátēn haíresin*) no universo judaico do séc. I d.C.

No quadro dos evangelhos, Mateus não apresenta os escribas como uma força maior nos eventos que levaram à morte de Jesus (uma possível explicação para isso seria o fato de que ele conhece escribas cristãos e mantém uma visão positiva do escribalismo) e elimina os escribas de Marcos quando eles são oponentes de Jesus substituindo-os por fariseus. Lucas, por sua vez, reduz a caracterização negativa que Mateus e Marcos fazem dos fariseus em várias passagens e, às vezes, fornece uma visão positiva do grupo. Por exemplo:

1. O autor transfere a cena em que escribas e fariseus observam que os discípulos de Jesus não haviam lavado as suas mãos antes da refeição para o contexto de um convite (Lc 11:37+), uma estratégia para reduzir o nível de hostilidade embutido no texto;
2. Em Lc 11:16 ocorre 'Outros pedem um sinal', diferentemente de Mt. 16:1 e Mc. 8:11 onde se encontra 'fariseus e saduceus';
3. Em Lc 20:45-47 Jesus julga os escribas. Já Mt. 23:6-7 adiciona os fariseus ao julgamento de Jesus;
4. Os fariseus nunca querem matar Jesus, eles apenas desejam colocá-lo em situações que o forcem a fazer declarações comprometedoras.

Tal caracterização diversa dos fariseus por parte de Lucas faz alguns autores, como J. A. Ziesler (1978-9), argumentarem que Lucas é favorável aos fariseus. No entanto, essa impressão é resultado de uma leitura muito



simplista e imediata das narrativas lucanas e não é verdadeira. Saldarini (2001: 179) tem uma percepção maior do propósito de Lucas ao fazer sua caracterização peculiar dos fariseus:

a visão de Lucas da posição social dos fariseus é apresentada em várias passagens nas quais os fariseus se mantêm distantes dos excluídos sociais. O contraste dos fariseus em relação aos coletores de impostos e os pecadores é tipológico para Lucas e pode ser simbólico da rejeição de Jesus pelo Judaísmo e da aceitação dele pelos gentios. Os fariseus são apresentados como os guardiões das fronteiras sociais normais em contraposição com Jesus que busca mudar tais fronteiras e reconstituir o povo de Deus.

A caracterização aparentemente favorável dos fariseus no evangelho de Lucas ganha sentido quando o relato de *Atos* é observado. Em *At 15:5*, alguns fariseus, que eram membros da comunidade cristã, intervêm no concílio de Jerusalém: "alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus, mas haviam abraçado a fé, intervieram: diziam que era preciso circuncidar os gentios e prescrever-lhes que observassem a lei de Moisés". Stemberger destaca o fato de que este é o único lugar em *Atos* onde os fariseus causam problemas, e esses são fariseus que foram convertidos à fé cristã (!)¹. A partir de tal constatação, percebe-se que o assunto em jogo na narrativa lucana são os critérios a serem adotados para a entrada na *ekklesia* cristã (que Lucas, em sua escatologia realizada, entende como a concretização do Reino de Deus na terra): seriam a circuncisão e o seguimento da ritualística da Torá os critérios corretos?

Lucas poupa os fariseus de acusações graves, mas faz Jesus, repetidas vezes em seu relato, condená-los por seu estilo de vida incorreto. Desta forma, toda vez que um

¹ Günther Stemberger. *Jewish Contemporaries of Jesus. Pharisees, Sadducees, Essenes*. Minneapolis: Fortress Press, 1995. P.33.



fariseu convida Jesus para jantar em sua casa, Jesus aceita o convite e aproveita a oportunidade para repreendê-lo.² Por exemplo, isso acontece em Lc 7:36-50 - passagem em que o fariseu de nome Simão recomenda a Jesus que afaste de si a pecadora que lava os seus pés com lágrimas e os enxuga com seus cabelos. Jesus, em resposta, conta-lhe a parábola do credor que perdoa dois devedores (um primeiro que deve a ele uma grande quantia e outro que deve uma quantia menor). De acordo com Sanders:

O fariseu neste episódio é um protótipo daqueles fariseus cristãos em Atos 15:5 que desejam que os cristãos gentios sejam circuncidados e que eles sigam toda a lei de Moisés. O fariseu Simão quer apenas pessoas justas ao redor de Jesus, e não aqueles "pecadores" que adentram [o Reino de Deus] com base no arrependimento, na contrição [...] e na fé; pois Jesus conclui esse episódio de maneira extremamente pertinente ao proclamar à pecadora que a 'fé dela a salvou'. Os critérios corretos para a entrada no Reino são o arrependimento e a contrição, e não o seguimento da halakah farisaica³.

Neste sentido, quando Lucas enfatiza que os fariseus não foram batizados por João (Lc 7:30), ele quer dizer que eles não aceitaram a verdadeira filiação à igreja cristã que, em sua opinião, constitui o novo povo de Deus composto de judeus e gentios conversos. Esta verdadeira filiação é baseada na fé em Jesus Cristo e no arrependimento - no caso dos gentios, de sua vida idólatra pregressa.

Lucas reserva também, em Lc 11:37-44, a acusação de hipocrisia somente aos fariseus, enquanto Mateus acusa

² Assim: 11:37-44; 14:1-6. O mesmo acontece na parábola do fariseu e do coletor de impostos (Lc 18:9-14). A moral que Lucas anexa à parábola é 'Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado'.

³ Jack T. Sanders. "Pharisees in Luke-Acts" in: Dennis Groh e Robert Jewett (eds.). *The Living Text: Essays in honor of Ernest W. Saunders*. New York: University of America, 1985. P.176.



ambos escribas e fariseus em Mt. 23:15-32. Segundo afirma Judith Lieu (1997: 96), o segundo e o terceiro 'Ais' aos fariseus, em Lc 11:43-44,

condenam os fariseus por seu amor pelo status e os compara a fontes camufladas de impureza, que levam o povo a trilhar o caminho errado (...) Lucas, aqui, não está simplesmente repetindo a polêmica de Mateus por intensidade dramática, ele tem em mente os perigos potenciais dentro da sua comunidade cristã.

Já em relação aos legistas (é necessário atentar para o fato de que Lucas separa a invectiva contra os escribas daquela contrária aos fariseus e nomeia os escribas "legistas"), que se preocupavam com uma interpretação mais refinada da Torá, o primeiro e o terceiro 'Ais' direcionados a eles - em Lc 11:46, 52 - denotam os fardos intoleráveis das prescrições detalhadas da Lei, de acordo com a interpretação farisaica, que tornavam a vida diária impossível e não permitiam se chegar à verdadeira interpretação da Lei: aquela de Jesus. É por isso que se diz que eles removem a chave do conhecimento e impedem aqueles que desejam entrar no Reino de Deus. Sanders acredita que Lucas queira, desta forma,

fazer uma ligação entre a imposição dos legistas ao povo de 'fardos insuportáveis' e a explicação de Pedro no concílio de Jerusalém (At 15:10) de que exigir que os cristãos gentios mantenham a Torá é 'impor ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar'⁴.

Em Lc 12:1c-2, Jesus aconselha os discípulos: "acautelai-vos do fermento - isto é, da hipocrisia - dos fariseus. Não há nada de encoberto que não venha a ser revelado, nem de oculto que não venha a ser conhecido". A

⁴ Op.cit. p.173.



hipocrisia dos fariseus, tão destacada pelo Jesus de Lucas, constitui um fermento. O fermento, como se sabe, deve levedar toda a massa. A metáfora de Lucas se explica mais adiante. Em Lc 12:4-6 - o trecho mais interessante do evangelho referente à questão dos fariseus porque o termo fariseu nem sequer é nele citado - Jesus afirma o seguinte: "Eu vos digo: não tenhais medo dos que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer. Vou mostrar-vos a quem deveis temer: temei Aquele que depois de matar tem o poder de lançar na geena; sim, eu vos digo, a Este temei". No entanto, o paralelo em Mt 10:28 afirma o seguinte: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aquele que pode destruir a alma e o corpo na geena". O contexto de ambas passagens, como se pode perceber, é completamente diferente. Em Mateus, Jesus diz aos apóstolos que eles serão perseguidos e, até mesmo, mortos por causa do seu nome. Já em Lucas, Jesus está se referindo aos fariseus ou, melhor, aos cristãos fariseus que desejam que os cristãos gentios se submetam à circuncisão, mais precisamente, "que matem o corpo". A questão do fermento também se explica no fato de se tratarem de cristãos fariseus os fariseus a que se refere Lucas. Como eles estão no interior da comunidade cristã, a sua reivindicação pela circuncisão dos cristãos gentios pode ter como resultado o convencimento dos outros cristãos, "levedando", assim, toda a massa da comunidade. Eles são hipócritas porque, fazendo parte da igreja, não seguem os ensinamentos de Jesus e se preocupam com aquilo que Jesus afirmara não ser importante: o seguimento das minúcias da Lei.

A conclusão de Sanders sobre a caracterização ambígua dos fariseus na obra evangelho de Lucas - Atos é a de que



Lucas retratou os fariseus desta forma estranha de modo a deixá-los representar a posição dos judeus [que desejam a circuncisão dos gentios] dentro do Cristianismo, com a nuance adicionada de que os fariseus amigáveis em Atos o ajudam a demonstrar a continuidade entre o Judaísmo antigo e o Cristianismo⁵.

A insistência de Lucas em abordar, tão longamente em sua obra (afinal, os fariseus do evangelho serão identificados somente na parte final da narrativa, ou seja, em Atos), a hipocrisia dos cristãos fariseus ao exigirem a circuncisão dos cristãos de origem gentílica levanta a questão de que, muito provavelmente, essa exigência fosse corrente no período em que ele redigiu a sua obra, na década de 80 ou 90. Ele retratou tal reivindicação no momento do concílio de Jerusalém - que ocorrera por volta de 50 - e, ao que parece, aproximadamente trinta ou quarenta anos depois, essa questão voltou à cena de maneira a tirar a tranqüilidade e o sono dos cristãos gentios.

Uma compreensão maior desse processo está implícita nas palavras de Sanders acima: "os fariseus amigáveis de Atos auxiliam Lucas a demonstrar a continuidade entre o Judaísmo e o Cristianismo". Por meio delas, o autor alude ao contexto de "orfandade", por assim dizer, em que viviam as comunidades criadas por Paulo de maioria ou totalidade gentílica ao longo do Mediterrâneo, após a morte de seu fundador que - para piorar a situação - falhara na tentativa de se reconciliar com a igreja mãe em Jerusalém. Tais comunidades não gozavam, por isso, do mesmo status ou autoridade detidos pela comunidade de Antioquia, na Síria, por exemplo, de maioria ainda judaica. O caráter judaico ainda prevalecente nesta comunidade conferia legitimidade à sua própria existência, na medida em que a espera pela vinda do Messias sempre fora uma crença judaica. O Messias

⁵ Idem, p.166.



esperado era o salvador do povo de Israel porque se tratava da realização das antigas profecias judaicas. Somando-se a isto, Trocmé recorda o fato de que as comunidades judaico-cristãs, particularmente na diáspora,

passavam por um período de otimismo e crescimento graças à morte de Tiago [o irmão do Senhor] e ao fim do domínio esmagador da igreja de Jerusalém e a confusão que prevaleceu nas sinagogas entre a queda de Jerusalém e a disseminação do movimento de reforma da escola de Jamnia⁶.

Lucas, ao redigir, no final do séc.I d.C., a sua obra em dois volumes, *Evangelho + Atos dos Apóstolos*, se confrontou com a questão da orfandade do movimento cristão gentílico, questão tão crucial naquele momento. Ele parece ter sido particularmente afetado por ela porque uma análise atenta e cuidadosa dos seus livros em seqüência permite vislumbrar, mais claramente, os objetivos e, neste sentido, a teologia do evangelista: o movimento cristão é herdeiro das bênçãos escatológicas prometidas ao Judaísmo; na realidade ele é a própria realização do Reino de Deus na terra. Lucas precisa convencer os seus leitores disso porque, como atenta Trocmé (1985: 148), ele

percebeu que o grupo pequeno de igrejas que insistia em reivindicar uma origem paulina seria engolido pela tendência dominante no Cristianismo [aquela das comunidades judaico-cristãs da diáspora] se nada fosse feito para redefinir a sua herança de maneira a provar que ele estava firmemente enraizado no Judaísmo da mesma forma como qualquer um dos seus competidores⁷.

⁶ Étienne Tromcé. "The Jews as seen by Paul and Luke" in: Jacob Neusner e Ernest S. Frerichs (eds.). *'To See Ourselves as Others see Us': Christians, Jews, 'Others' in Late Antiquity*. Chico: Scholars Press, 1985. P.148.

⁷ Id.ibid.



Daí a caracterização dos fariseus no evangelho como hipócritas e o retrato de Jesus, também no evangelho, como simpático aos samaritanos (Lc 9:51-55; 10:30-37; 17:11-19), ganhando maior sentido mais tarde em *Atos* com a inserção das palavras proféticas, a ele atribuídas em 1:8, segundo as quais os apóstolos levariam, guiados pelo Espírito Santo, a Boa Nova à Samaria e até os confins da terra.